



Por que não me ufano (1)...

Daniel Piza

Recebo email da assessoria do Ipea perguntando onde li que o instituto considera uma família que recebe R\$ 1.500 de "classe média". Em 2008, como se sabe, FGV e Ipea divulgaram estudos que mostrariam que a classe média agora seria maioria no Brasil. Segundo a FGV, famílias que ganham cerca de R\$ 1.000 a R\$ 4.500 formariam essa classe que agora representa 51% da população. Para o Ipea, o critério de renda é o do IBGE, que diz que a classe C vai de R\$ 1.500 a R\$ 5.100. Mas preferi enviar como resposta uma frase do diretor do instituto, Marcio Pochmann, à Carta Maior: "Atualmente, quando se fala de uma nova classe média, estamos falando da emergência de uma classe média com rendimento de três salários mínimos, por exemplo".

Repito: uma família que ganha R\$ 1.500 num grande centro urbano está longe da definição histórica de classe média, que não é a faixa central das estatísticas de renda. Há muitas conceituações mundo afora, mas convergem para a seguinte: a classe média não gasta o que ganha apenas em alimentação, transporte, roupa e outros itens básicos (luz, água, gás); investe uma parte em adquirir casa própria e carro, em dar aos filhos educação superior, etc. É óbvio que existe uma "classe medianização" desde o Plano Real, com aumento do emprego e do consumo das camadas mais baixas, mas dourar a pílula para fazer propaganda não adianta. Um cidadão com três salários mínimos vive mal, bem mal. Mas o PT agora acha R\$ 545 um número justo, pois o governo é perdulário.